

de

Alessandra Araújo

linhas crônicas



Caderno de crônicas

Ufal

de

Alessandra Araújo

linhas crônicas



À Gabi, com todo o amor que eu tenho.

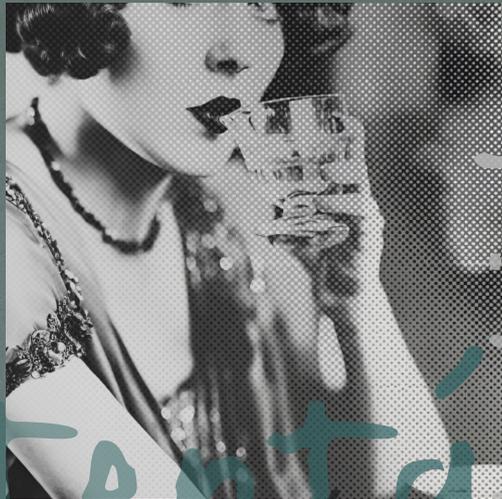
Sumário

- 6 - A insustentável leveza da bebida
 - 9 - Humor de samba
 - 12 - Blasé
 - 15 - Festa do adeus
- 18 - Todos os castelos são de areia
 - 21 - O banheiro do lord
 - 24 - Sísifo não diz sextou
 - 28 - Pequenos esgotamentos
- 31 - Verinha não vai ao carnaval
 - 34 - Um dia sem felicidades
- 37 - No meio do mar tinha um cisne
- 40 - A metamorfose dos costumes
 - 42 - Sobre a autora

Apresentação

A cidade de Maceió, assim como sua gente, tem maneiras de seguir sempre mudando e, ainda assim, manter-se em essência. Veja que tudo o que está prestes a ler aconteceu e poderá repetir-se muitas vezes, com diferentes autores e novas perspectivas. Basta que o leitor caminhe por essas ruas atentamente para se deparar com cenas semelhantes, quando poderá ver tudo o que leu com seus próprios olhos, à luz de sua visão particular sobre as coisas. São um grupo de crônicas feitas, sobretudo, para guiar a reflexões particulares, porém vistas como pertinentes, sobre as pessoas e os hábitos vivenciados nessa cidade tão singular.

A insustentável
leveza da Bebida



insustentável

INSUSTENTÁVEL

leveza da bebida

A insustentável leveza da bebida

Recebi um convite para jogar jogos de tabuleiro.

A boa gente desta cidade, no entanto, não é chegada a tais extravagâncias. E eu poderia muito bem estar enganada, mas, com toda modéstia que me possa emprestar, não estou. A oferta estava mais para uma isca, uma coisa dessas usada para atrair alguém a algo secundário, uma tentativa de me fazer sair de casa depois da recusa dos últimos convites menos pretensiosos que este. E funcionou.

O jogo mantinha as nossas mãos ocupadas e a música alta tapava os buracos entre as conversas. Portanto, nunca ficávamos ociosos e não era embaraçoso a falta de ter o que dizer. Acima da mesa da cozinha, radiantes garrafas de vinho e de whisky se dispunham convidativas. Olhávamos para elas pelos cantos dos olhos, como quem avista o ouro dos tolos. Meus amigos não lhe dirão, caso os pergunte, mas aquele era o real motivo para estarmos ali, encoberto, claro, pela isca; pela desculpa de tirar os jogos de cima do armário. Contudo, estará errado se nos imaginar nessas cenas clássicas de membros do A.A.

Estamos mais para aqueles que, para onde vão, chamam a si mesmos de bebedores sociais. Explico. Você conhece alguém e um dos assuntos termina com o outro perguntando se você bebe, ao que você responde acanhado que bebe apenas socialmente. Mas, soa quase como uma desculpa de quem até bebe pouco, mas em todas as situações que aparecem. A questão é que ser visto como um beerrão não é uma qualidade atraente a ninguém, por isso, desculpa-se logo.

O gamão durou coisa de uma hora e meia, talvez duas.

Com o final do jogo, restava conduzir as mãos a outras tarefas. E como a música sozinha não dava conta de nossos silêncios, pudemos abrir as garrafas. Não somos o tipo de quem cai encharcado no sofá dos amigos ou de quem perde os sentidos numa calçada. Salvo poucos momentos em que nos empurraram

café para aliviar a tontura, mantemos bem a classe. Nós somos aqueles que contam filosofias de boteco com uma seriedade gravíssima. Que riem alto sobre tudo, e que, estando altos, riem ainda mais.

De vez em quando um encontro para comer fora, outro para dançar. Um show da banda cujo talento duvidoso não nos impediu de ir assistir. Uma caminhada despretensiosa sob a umidade da chuva recém-estiada... O copo na mão em todos esses cenários e em outros mais. Meu amigo dizia assim “já estou levezinho, e você?”. “Ainda não”, eu respondia. E esperava pelo efeito dos goles, ansiando pela sensação que beirava a tontura, mas esvoaçava os pensamentos.

E não era tolice pensar nos efeitos da leveza, se talvez, fosse este o motivo para beber. Pois, havia vezes em que era como sair de nós, do eu pesado que nos mantém pressionados para baixo, alçados ao chão. Porque não se espera que as pessoas bebam nenhuma dessas coisas somente pelo gosto. O gosto não é dos mais toleráveis e, por vezes, faz a garganta queimar. A graça está mesmo no efeito.

Sob esse tal efeito, a mente, confusa, arrasta o corpo para as falsas percepções que tomamos para nós e, aliviados, acreditamos nela. Pensamos conosco “isso basta!”. E então, alguém claramente eufórico, convicto de um pensamento original e tendo chamando atenção para si com um golpe na mesa, diz em seu tom mais grave “aí é que tá!”. E segue contando as suas teorias mais honestas sobre o assunto da conversa, seja qual for.

E se nos perguntar o porquê de bebermos, certamente não encontraremos resposta para dar tão depressa. É bem capaz que tentemos contornar a pergunta com o eventual “bebo socialmente”, como que envergonhados do fato e como se coubesse dizer. Mas a graça está mesmo no efeito. E o efeito é o da leveza. E a leveza age assim: dá aos acanhados confiança, potência aos infelizes, um palco aos emocionados e razão aos jovens para jogar gamão.

Agosto de 2023

humor de samba
HUMOR DE SAMBA



Humor de samba

Um brasileiro bem brasileiro — com a licença da palavra — não aguenta um samba quieto. Às primeiras batidas do pandeiro, algo nele se acende, uma veia que vibra em algum lugar das partes complicadíssimas do corpo humano e, no mínimo, faz dançar as pontas dos dedos nos limites dos joelhos.

O vizinho de baixo despertou com o humor de samba. Vendo que o tempo estava agradável e que tinha dinheiro de sobra, bateu-lhe o desejo de ouvir música alta, de estar entre as pessoas. Não era dia de missa, de trabalho e nem de ir ao médico.

A ausência das obrigações dá em samba, parece.

Quando o meu vizinho está com o humor de samba, a rua inteirinha sabe. Os desavisados e os novatos pelo menos suspeitam de alguma mudança sutil nos ares. Há o cheiro de carne assando na brasa e de vez em quando o tchiiii da cerveja abrindo. O portão aberto com as mesas de plástico enfeitadas entre a porta da garagem e a beirada da calçada. Poderíamos dizer que é feito um clima de festa, mas não seria a expressão certa. É clima de samba!

Um conhecido de tantos anos, ao botar o pé na rua, sentindo a atmosfera, direciona o olhar para o vizinho e acena de longe, que é para avisar que está a chegar. Lá, já puxa uma cadeira, cruza as pernas, dá um aceno ligeiro ao churrasqueiro. Se inteira na conversa, assume uma posição, relata as desventuras de agora há pouco. Vinha da mercearia carregando um pacote debaixo dos braços com a notícia de que o preço do frango havia subido.

Eu de cá ouvia tudo, sentia o entusiasmo. Meu vizinho, bem brasileiro que é, coloca os clássicos para tocar. Os que fazem chorar e os que fazem rir, tudo no mesmo embalo. Penso que passa as madrugadas montando *playlists* perfeitas e sempre acerta na medida. Só hoje se ouviu Cartola, Gonzaguinha e Nelson. Quando um dizia que o mundo é um moinho, o outro falava de amor e o terceiro de saudade.

Parece que todo samba conta uma coisa secreta e única que já aconteceu a alguém. E então quando toca, a gente reconhece num só trecho uma vida inteira já passada, coisas de tempos atrás, um ano e meio, talvez dois. Uma pessoa, uma amizade, uma loucura... Tudo é recordado em versos e cavaquinho. Pois, se “quem me navega é o mar”, as possibilidades são tantas. Não fiquemos nunca, nunca, num “Chove e não molha”, já que o “show tem que continuar”.

Todos esses, os que agora se atolam em escritórios de parede tão brancas e limpas, enfiados em papéis e grampeadores e computadores; o cidadão carregando pedras, o outro fazendo a vigésima entrega de comida para apartamentos e até mesmo as pessoas dentro dos apartamentos, estejam talvez meio apáticos, “borocoxôs”, sem saber que desejam esse mesmo humor de samba. Esse ânimo que faz o sujeito abrir bem os braços, dedos indicadores para o alto, exaltado, bem brasileiro, acompanhando Martinho da Vila a dizer “canta forte, canta alto, que a vida vai melhorar”.

Agosto de 2023

Plasé PLASÉ



Plasé

Plasé

Blasé

O sujeito moderno é blasé. Acorda-se tateando os lados da cabeceira procurando pelo smartphone. Antes do primeiro bocejo já leu a mais nova notícia do dia. “Fulano é suspeito de tal e PF realiza investigação”. Ou, “Celebridade ensina como fazer selfie perfeita”. Ou ainda, “Três dicas para criar hábitos saudáveis”. Responde a algumas mensagens, curte as fotos dos amigos. Confere os stories e os status. Checa o e-mail pessoal. Checa o e-mail de trabalho. Confere também o da namorada, porque ela espera uma encomenda que chega dali a pouco e pode já estar a caminho.

Ao levantar, liga a TV, coloca uma música. Toma banho e se veste ouvindo um novo sucesso recomendado pelo Spotify. Folheia uma revista enquanto toma o café. Do pão com manteiga, já passou para o livro marcado na página 10. Sai de casa ouvindo um podcast. É uma discussão sobre uma nova filosofia nas alas geriátricas de hospitais. Ou talvez seja sobre política. Mas é capaz de ser sobre hábitos alimentares.

Em parte porque já tinha escutado tudo sobre o assunto e em parte porque a voz do convidado não lhe agradava abandona o podcast. Não faz mal, chegou ao seu destino. É dia de folga e está com os seus amigos. Decidem ir ao cinema. Barbie ou Oppenheimer? É mais uma decisão sobre se há camisas cor de rosa para todos e, de fato, há. Barbie é a escolha. Já estava querendo ver o filme há semanas. Boas críticas, excelente fotografia e direção formidável. Mas achou que podia ter sido melhor, não era o que esperava da Greta Gerwig, antes sempre tão indie, tão cult em suas produções.

Planeja então ver Oppenheimer em outro momento, que desse sim certamente iria gostar. No IMDb a avaliação é de 8,6 estrelas. É promissor. Está indo para a casa da namorada e pede um Uber. No caminho, lê críticas sobre o filme e pensa que ninguém fala qualquer coisa apropriada sobre ele. Volta ao podcast, programa diferente, falam sobre os efeitos colaterais do açúcar. Escuta por uns minutos e larga. Não era assim tão interessante.

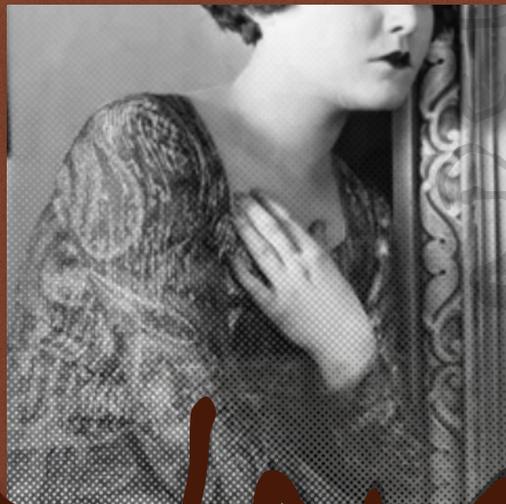
A namorada lembra o sujeito sobre a Bienal do Livro. Haviam combinado de ir anteontem durante uma palestra sobre os vieses da comunicação no Twitter. Na bienal, checa a programação de cima a baixo, assiste a uma apresentação musical, meia hora de uma palestra, quarenta minutos de outra. Sai carregando uma dúzia de livros, dois imãs de geladeiras e um panfleto sobre a exposição das obras de Van Gogh que em breve estreará.

Já aí achou a apresentação banal, o palestrante antiquado e o comentador mediano demais. Esperava que a exposição do Van Gogh fosse mesmo incrível como todos andavam dizendo. No correr das coisas, o sujeito vê-se ligeiramente absorto. Sua mente sofre de qualquer má digestão da qual somente suspeita, pois ocupado como está, deixa de notar que há uma hora percorre o Instagram sem guardar para si metade das coisas que vê. A face desata num torpor de viúvo e os outros, apontando a sua apatia, o culpam por não se animar por nada daquilo.

Ele é feito um recipiente sem espaço que não tolera viver sem transbordar. Ao menor silêncio entre as conversas, perto de o assunto minguar, toma o celular do bolso e desliza, sem rumo, o indicador. Felicita-se por driblar o embaraço, repreende a menor sombra de tédio. No final do dia, está que não sustenta as pálpebras abertas. Prepara o jantar ouvindo música. Janta lendo notícia. Deita-se checando mensagens e dorme à luz da TV.

Agosto de 2023

festa
festa DO Adens



Adens

Festa do adeus

A família Nonato guardava uma bisavó e isso sempre me pareceu especial, já que muitas famílias não se igualavam. Em toda casa podia haver uma avó, às vezes duas. Mas, bisavós eram raras. Por isso, eles a guardavam como guardariam uma preciosidade de valor incalculável: muito frágil, muito cara e com ar de sentimental. Ela era uma dessas pessoas que tinha propriedade para dizer que em seu tempo tudo era de outro modo. E era mesmo.

Ela era alguém cujas falhas foram perdoadas por seus filhos e netos e pelos amigos que, junto a ela, restavam vivos. Ela carregava o rosto afetuoso e puro que carregam aqueles que são incapazes de pecar. Quando se alcança os noventa e tantos anos, tenho a impressão, não se há mais pecados que cometer. Aliás, o que mais se pode ganhar com eles? Depois dos noventa e poucos, apenas espera-se o consumir dos dias.

Em seus últimos meses, ela era como a representação do próprio tempo. Como uma dessas ampulhetas por onde vemos o esgotar dos grãos de areia para baixo. Toda a sua pele, seus olhos caídos, a lentidão dos seus movimentos, tudo soava como um aviso de que a sua alma não caberia mais no corpo e que breve se descolaria dele. Iria para um lugar, não sei qual, onde não se poderia mais ver.

Se coubesse a mim escrever seu obituário, e se dela eu escrevesse aquilo que mais me assalta o pensamento, sairia algo mais ou menos assim: É com pesar que informamos o falecimento de Dona Eurídice Dias Nonato. Amada mãe e avó, criava galinhas soltas que subiam em sua cama quando ela não estava olhando, fazia belas colchas com os retalhos das roupas velhas dos filhos, usava saias na altura das canelas e seus cabelos cheiravam a óleo de coco. Bebeu e fumou até o momento em não teve forças para ir à mercearia.

Ter na família alguém com tão larga idade era, repito, especial. Quando um dos Nonato contava aos outros sua idade às pessoas, era sempre uma surpresa incrível. E eles diziam que não, ela não sentia dores e nem frequentava

hospitais, ainda caminhava de uma ponta a outra da casa, ainda que debilmente, sem reclamar. Mas é verdade que andava esquecida das pessoas e não reconhecia mais onde estava. É também verdade que estava com a pele fina e as mãos trêmulas. Que já não tinha gosto de comer e dormia por incontáveis horas até mesmo durante o dia.

No fim, respirou profundamente como se soubesse que seria a última vez. O ar entrou e quando saiu levou consigo a alma, que se espalhou por todos os lados e seguiu para longe. Quem me disse foi a sua filha, que era também avó. Aos Nonato restou um velório, um enterro, uma missa e as memórias que teimam em nos seguir. Mas lhes restou também uma última coisa, esta, tão importante como é a missa, tão necessária como o é enterro: uma festa do adeus.

A festa do adeus é feita por todos, embora este não seja um termo comum de uso. Mas creio, sejam todas bem parecidas. Ao final das despedidas chorosas, dos abraços atordoados, dos desmaios inesperados e da benção do padre, juntam-se todos na casa de um parente próximo e que fez questão de preparar uma boa comida para receber a todos.

A oferta foi feita por Dona Guida e o seu marido, os avós de alguns, tios de muitos, queridos por todos. Eles serviram o almoço como quem dá remédios aos que sofrem. Prepararam também bolo e café. Creio que um dos tios achou uma garrafa de licor pela metade e tomou uma dose. Assim se juntaram todos, a comer e a beber. Contavam histórias sobre a bisa. Falavam dela com o tom mais afetuoso que podiam, choravam, mas também riam. Colocaram as músicas que a bisa costumava ouvir e as escutaram juntos, quietos.

Perceba que para ser festa há de se ter companhia amiga, comida, bebida e música. Tudo isso tinham, apenas a razão não era feliz. Eram os Nonato a lidar com uma terrível perda, uma terrível dor, do jeito que melhor sabiam. Na festa do adeus da bisa Eurídice, penso que mesmo as suas galinhas de criação ficaram de luto, pois — a Sra. Guida quem reparou — nesse dia, elas não subiram mais em sua cama.

Setembro de 2023

Todos os castelos
Todos os castelos



são de areia
são de areia

Todos os castelos são de areia

É dia. O sol atropela as janelas, invade os quartos, faz seu calor queimar a pele, secar a garganta; faz a gente desejar muita água, toda a água, o mar inteiro. É capaz de um indivíduo, ardendo em febre, a boca enxuta, ao consultar o seu médico de tantos anos num sábado, receba o receituário com a seguinte prescrição: “recomendo que vá imediatamente à praia”. E o sujeito vai e, ainda por cima, melhora.

Hoje é um desses dias. A praia da Ponta Verde se encheu de famílias e música. Uma mãe acordou cedo e, se deparando com o arder do sol no rosto, atenta à direção em que corria o vento, deixou a roupa por lavar. Preferiu emendar sanduíches, pentear as crianças, vestir o maiô. Ir correndo ao encontro do marido dizendo que o dia pedia mar. E o marido, já apanhando as chaves do carro, concorda imediatamente, vai sem dúvidas ou poréns.

No caminho, buscam a cunhada e os sobrinhos. Ligam para os compadres “venha urgentemente!” Chamam os tios, avós e avôs; até mesmo os inimigos recebem um convite afetuoso e vão. É dever de todos sentar debaixo de um guarda-sol enorme, divagar sobre o tempo, olhar o ir e vir das ondas, servir e comer sanduíches já mornos. Notar que mesmo as coisas mais bem guardadas dentro das sacolas sujaram de areia.

E depois de chegarem à praia, a sensação é a de quem cumpriu com rigor os mandamentos de um santo muito próximo e que lhes devia promessa. Cheios de uma calma admirável, e já tendo servido o almoço, os pais botam os pés para o alto, os tios se embebedam, os avôs cochilam com seus braços esticados e estirados ao chão. Mas, impressionante mesmo são as crianças e os seus castelos de areia.

Elas têm esses utensílios de plástico no formato de pequenos castelos. Colocados um acima do outro, um montinho de areia de cada vez, dão forma a castelinhos bem ornados, com direito a lagos ao redor e enfeites que acompanham os brinquedos. Se via de longe: a atividade os deixava

imensamente satisfeitos. Imersos em seus esforços, decidiam o tamanho das torres, faziam as estradas, enfeitavam o topo com bandeirinhas. Tinham o rosto de quem cumpre uma tarefa sagrada. O sorvete em uma das mãos pingava sem ser notado enquanto a mão mais importante amassava e molhava a areia, moldava e erguia muralhas e fossos.

Somavam quatro crianças trabalhando no pequeno castelo. Depois de pronto, olharam para ele admirados; correndo, buscaram seus pais para testemunharem sua nobre conquista. Queriam tapinhas nas costas e um “muito bem, filho!”, talvez um ou dois “Uaus!”. E conseguiram. A família via e sorria, fazia fotos para publicar no Instagram. Era a glória de uma realização bem feita. Os amigos teriam inveja quando, mais tarde, vissem as fotos, certamente. Mas a maré estava enchendo e ameaçava derrubar tudo! As crianças, sentadas ao redor do castelo, apertavam o olhar umas para as outras, temerosas. Sentiam a intimidação que vinha das ondas e a ruína que elas prometiam deixar.

O castelo, desde o primeiro montinho de areia, estava destinado a cair. Elas não sabiam desse fato, eram seus pais que sabiam e não lhes contavam. Pois, não se podia impedir o correr das águas, nem se pretendia deixar de lado o desejo de erguer o castelo. O jeito era deixar que o fizessem assim mesmo. E que depois de ficarem entristecidos com a perda, pudessem ser acalentados: “não fique assim, você se divertiu tanto”.

Mas os pais sabiam de outra coisa que também não diziam aos filhos. Aliás, nem mesmo se permitiam discutir sobre o assunto uns com os outros e, portanto, era como se não soubessem: é que só podemos fazer castelos de areia. Eis tudo! Armar, felizes, enormes construções frágeis para vê-las despencar em seguida. E mais! Voltar no domingo seguinte à mesma praia, com o arder do sol nos ombros, e erguer outro ainda maior, ainda melhor, e esperar por alguma misericórdia do mar.

Setembro de 2023

O banheiro do Lord



> banheiro do Lord

O banheiro do Lord

O banheiro do lord

Você vê a moça, mas não vê meias-calças, cintas, lantejoulas, fechos, saltos e anéis. Você vê a moça, mas ignora o esmalte, as unhas, os band-aids e a calcinha presa entre as nádegas. Você olha para uma, duas, todas as moças, mas jamais percebe os grampos que sustentam seus cabelos, os apliques que os deixam mais cheios e a cor da tintura que faz deles mais claros.

Você está neste modesto festival de Rock numa cidade que ama forró, surpreso por haver tantas pessoas ali. Você entra e nota principalmente as moças. Quase sempre vestidas de preto, bem ornadas, tantos saltos, tanto brilho. Elas enfeitam o lugar ainda mais do que os quadros, pôsteres, cortinas e luzes. Parecem ter sido postas ali pelo próprio decorador. Você nota mais elas do que percebe os rapazes, de camisas pretas e calças e barbas e sapatos e só.

E então você as vê assim tão radiantes, algumas dançam, sorriem, bebem, outras estendem os braços pro alto, beijam e pulam. Você não sabe dos cílios postiços colados sob as pálpebras e nem das horas que levaram no shopping procurando uma calcinha modeladora bege. Você não sabe de uma porção de outras coisas, mas só porque é assim que elas querem que seja. Elas não querem que você veja a gordura saindo pelos lados do sutiã, as estrias debaixo da cinta-liga e nem o reparo mal feito na saia que fizeram de última hora.

Você está neste modesto festival de Rock do Lord Nelson, um bar, e há um cover do Freddie Mercury que faz as pessoas vibrarem. Você vê as moças indo ao banheiro aos montes, as filas aumentando e elas entrando e sumindo nele. Elas desaparecem e voltam como recém-saídas de um banho morno, frescas e cheias de um rubor brilhante nas bochechas. Suas bocas pintadas e usam saltos nos pés.

Estão no banheiro do Lord e, enquanto estão lá, você não pode vê-las. Você não vê o batom sendo repostado, os ajustes na maquiagem, o suor das axilas sendo secado com lenços de papel e os curativos sendo colocados nos calcanhares. Você não vê porque, ora, as paredes do banheiro do Lord

escondem as moças e a gordura da barriga sendo apertada para dentro das cintas e as calcinhas sendo retiradas do meio das nádegas e o ajuste no enchimento do sutiã e a terceira da fila ajudando a segunda a desemperrar o zíper da blusa.

As moças são formidáveis e todos as vêem em redor com seus sorrisos, afagos e decotes. Mas você as vê em partes, sempre uma coisa montada e calculada dentro de roupas justas e peças íntimas, saias de couro, blusas de algodão e adornos e perfumes. Elas são o que você vê, tal como vê, sem tirar e nem pôr, mas há tanto o que você deixa de ver estando do lado de fora do banheiro do Lord: unhas partidas, penteados defeitos, belezas encantadoras e cansadas, tão cansadas, mas ainda assim tão belas em suas curvas e dobras e pernas.

Então você prefere ver apenas o que está à vista dessas moças, que, diga-se logo, enfeitam o lugar melhor do que toda a decoração. Você as vê tão bonitas e pensa que sua beleza não tem nada além de bondade, que não pode haver nelas qualquer embaraço, pesar ou dor. Você vê as moças, tão mansas, pacientes, etéreas, nessa longa fila pro banheiro do Lord pela quarta vez, e pensa que é coisa fisiológica e só. Nem de longe é somente isso, mas como haveria de saber?

Lá estão elas de novo, saindo frescas, como que tiradas de um banho morno, as bocas pintadas, sutiã ajustado, cabelos arrumados e cintas no lugar. E enquanto estavam lá, uma porção de coisas se perdia, a última canção não foi ouvida, a cerveja esfriou, o show estava no fim, mas as filas, oh! As filas para o banheiro do lord eram eternas.

Outubro de 2023

sísifo não diz



sexton

sísifo não diz sexton

Sísifo não diz sextou

Estamos em um escritório prontos para começar o expediente. Ouvimos o som de clique da porta automática autorizando a entrada e abrindo para mais alguém. “Hoje é sextou!” lança quem vem chegando. E quem já aqui está trata de corrigir “mas ainda é quinta-feira”. “Bem, então amanhã é sextou”, o primeiro devolve.

O Jorge se confundiu. Acordou animado pensando que era sexta-feira, quando era ainda quinta. Não ficou menos alegre, a sexta já não estava longe. Imagine você que a semana começa na segunda-feira de manhã, mas a vontade de vivê-la alcança o Jorge somente na sexta-feira, quando já tem se passado quase toda.

Isso do "sextou" é uma dessas coisas à moda do Instagram, que muito rapidamente caem no gosto do povo e se espalham por aí. Escuto ao menos três vezes por semana, e sempre num tom entusiasmado, dessas pessoas ávidas por um domingo preguiçoso e por uma noite que possa ser esticada até as madrugadas, alcançando as manhãs.

Na sexta à noite, vejo o trânsito da cidade aumentar e o carregamento de cerveja nos bares crescer; há mais comida sendo preparada e mais festas acontecendo. As pessoas estão ligando seus faróis mentais e eles apontam para onde ordena as suas vontades. Mas escrevo isso enquanto é ainda quinta-feira, pensando que amanhã ouvirei inúmeros sextous ansiosos — mais uma vez.

Isso me faz pensar no mito de Sísifo.

Na história, Sísifo é condenado a empurrar uma pedra para cima de uma montanha, vê-la rolar para baixo, depois empurrá-la de volta para cima; e assim seguir fazendo repetidas vezes pela eternidade. Você se identifica com Sísifo e talvez suspeite disso. Suspeita quando o despertador o retira do melhor do sono bem cedinho, ou quando está no trabalho fazendo a mesma tarefa que fez ontem e que fará também amanhã.

Mas você chamará a questão do Sísifo de absurda enquanto a sua própria, de rotina. Não estará errado. A Sísifo não sobram alternativas, ele está fadado a cumprir uma tarefa sem sentido com nada a ganhar em troca. Não há méritos ou um salário, não há uma sexta-feira em que possa deixar a pedra de lado para curtir um *happy hour* no caminho de casa.

Breve será sexta-feira, e ela sempre torna. Desligue o despertador, faça planos, convide os amigos para dividir uma pizza, estire os pés na sacada do seu apartamento e deixe o ar passar entre os dedos, deixe-os refrescar depois de tantos dias cobertos por sapatos de couro marrom. Alie tudo isso como sendo agradável, até mesmo demasiado necessário à vida, cujo prazer insiste em nos conceder pelas beiradas. Sísifo não tinha essas regalias, mas ele era, afinal, um condenado eterno.

A você e a mim, não é assim, tem razão. Nós, de vez em quando, largamos a pedra por mais tempo. Nem mesmo somos obrigados a empurrá-la, concordo. E é verdade. Pois o sexto dia da semana indica uma pausa em qualquer coisa que precisemos fazer, de todos os papéis que desempenhamos durante quase todos os dias, no final, descansamos.

Hoje falei com o Jorge sobre o assunto. Contei que andava pensando se não estaríamos todos a desempenhar papéis repetitivos e sem razão de ser, já que vivíamos esperando pelo final de semana. Aí ele me disse “é, faz sentido”, mas que parece coisa de gente que não tem nenhum “tesão pelo trabalho”. Aí ele começou a falar sobre o que pretendia fazer no dia seguinte. “É que eu tô bebendo demais sabe, me encharco. Mas vou pegar leve amanhã”. “As pessoas andam bebendo muito porque não têm tesão pelo que fazem”.

Então perguntei se ele tinha esse tesão pelo trabalho e ele, olhando para o relógio, disse que às vezes tinha e quando não tinha, não importava, que “a gente toma uma dose e relaxa”, fica renovado e “pronto para outra”. Então perguntei “mas que outra, Jorge?” Imaginando logo que ele diria “outra semana”, ele riu e antes que pudesse responder, alguém o chamou ao telefone e a conversa acabou assim, num corte seco.

Chegamos ao final do expediente no escritório. As pessoas começam a movimentar-se, pegam as suas bolsas, desafrouxam as gravatas e se encaminham para fora. Escutamos os sons de clique da porta automática repetidas vezes liberando o acesso de saída. O Jorge se encaminha para

também ir embora e se volta aos colegas para despedir-se. De sorriso largo e meio cansado levanta a mão direita para dar tchau, diz "amanhã é sextou galera, até mais!" e sai..

Outubro de 2023

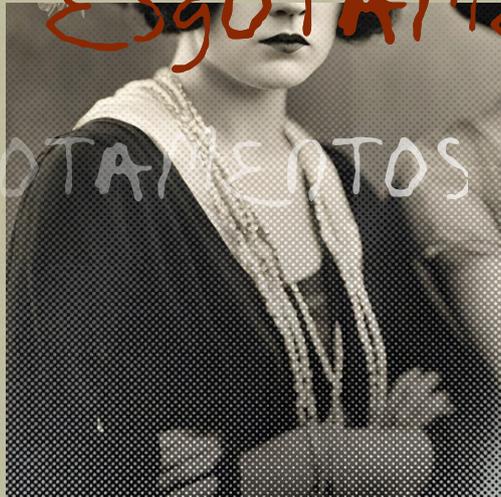
pequenos

pequenos

ESGOTAMENTOS

pequenos

ESGOTAMENTOS



ESGOTAMENTOS

pequenos

pequenos

ESGOTAMENTOS

ESGOTAMENTOS

Pequenos esgotamentos

Depois de anunciado no jornal, via-se todos os dias no começo da noite, os amontoados de gente indo ao Jaraguá. Estivesse você onde fosse, percebia logo que era para lá onde iam. Era gente bem arrumada, com muito perfume, andando em grupos. Alguns carregando caixas de bebida, outros já com uma lata nas mãos, iam seguindo o som gradualmente alto.

A prefeitura teve então o cuidado de deixar os ônibus gratuitos, para que até mesmo as filhas da Dona Ritinha pudessem vir de lá da parte alta participar do Verão Massayó. Que fosse duas horas de viagem em pé, não importava. Ganha-se aqui, perde-se um pouco ali, não é assim?

Pois os ônibus passavam levando aqueles que vinham do outro lado da cidade, enquanto os mais próximos iam em seus carros ou a nas forças dos pés. Ir a uma grande festa e ouvir os grandes nomes da música brasileira, que honra, que honra! Com a lotação diária, só se podia acreditar que estava sendo um sucesso! E era, contanto que você não se incomodasse com alguns pequenos esgotamentos.

Mas queira você imaginar, são os aborrecimentos de sempre, aqueles que certamente se passam em qualquer show, até os que se precisa pagar para entrar. São aqueles terríveis banheiros químicos que fazem você querer diminuir o consumo da sua *coca diet* — ou não tomar *coca diet* nenhuma. Cubículos minúsculos de plástico azul onde um filho de Deus não poderia tocar em nenhuma das paredes, sendo ele uma pessoa de cabeça sensata.

Mas você evita pensar nisso e é fácil, já que, deixando de lado o banheiro com seu odor, suas filas e suas manchas, a música que você esperava está tocando. A música é tão popular que as pessoas ao redor, tomadas pelo entusiasmo, estão dançando e se apertando, com os braços levantados em direção ao palco. A moça ao seu lado ergueu tanto o copo que derramou cerveja em todo o seu cabelo, e não importa que ela tenha pedido desculpas três vezes, o cheiro de cerveja velha não sai.

É algo que realmente nos faz compreender o verdadeiro significado da palavra "massa". Veja, depois de um tempo, todos ficam com a mesma expressão no rosto, parecem compartilhar os mesmos trejeitos, dançam da mesma maneira, têm o mesmo cheiro. Você passa por eles tentando não esbarrar ainda mais, mas acaba pisando nos pés da maioria e, na verdade, o chão está tão cheio de garrafas e copos que caminhar para longe da multidão se tornou um ato de coragem.

Na TV parecia que estavam todos numa espécie de camaradagem coletiva, cuja alegria era todo o objetivo comum. Ali, olhares bêbados ou cansados o cercam num bafo quente gerado por centenas de corpos apertados. A mais velha da Dona Ritinha ia dizendo que se lhe viesse um mal repentino sequer conseguiria cair. Que era tudo isso? Sim, chamamos de pequenos esgotamentos.

Esgotar, por esgotar, todos nós estamos, a cada dia. Mas em um show, espera-se apenas o esgotamento da voz (de tanto cantar) e o das pernas (de tanto dançar). O que não se espera é que o aborrecimento venha da terceira tentativa de fazer um lanche minimamente agradável. Porque, esqueça o alto custo generalizado de toda a comida — que é esperado. Tudo que deveria estar quente está frio e vice-versa. Mas não falemos de sabores.

Porque, se falássemos, seria o jeito dizer que os sabores não podiam estar na comida, nem na esperança de não pisar ou ser pisado. O sabor estava na esperança de ver um grande querido lá em cima do palco, em seu habitat; cantar junto dele sem a mediação de uma tela e depois levar adiante como a mais bela recordação. Dada a chance rara — pois não é sempre que a cidade recebe os nomes populares — passar por uma ou outra situaçãozinha chata até tem o seu valor.

Mas, tudo isso, supondo que você tenha ido ao evento. Como não foi, cotovelos nas bordas da janela da sala e ao pé da madrugada, os via voltar em rebanhos. Cabelos desfeitos e roupas amarrotadas, rostos de uma felicidade cansada, rindo alto do que aconteceu e do que deixou de acontecer. Estava um tempo fresco de ventos parados e se ouvia o silenciar gradual das vozes e das caixas de som. E isto era tudo.

Dezembro de 2023



Verinha
não vai
ao CARnaval

Verinha não vai ao carnaval

Verinha não vai ao Carnaval. Quem dera não pudesse ir por conta de uma dessas infelicidades que de vez em quando nos atingem, como resfriados e enxaquecas, pois assim seria menos sofrível. Mas não, se Verinha não vai é porque não gosta. Fala disso à boca larga, com um certo tom de atrevimento. Não vou, não gosto disso. E acabou-se!

Mas há vários dias em que tudo é carnaval e, quando não é, tem semelhança. Para onde se olha tem loja enfeitada com guarda-chuvinhas coloridos; as TVs dos vizinhos estão paradas no frevo e o som ambiente da padaria e do açougue é só axé e maracatu. É de se esperar que, estando no país do Carnaval, não é possível somente deixá-lo para lá feito um gigante que se teima em não ver.

E com tudo isso, Verinha está aí, de folga do trabalho com quatro dias para curtir o carnaval. Todos esses dias livres para fazer o quê? E se, por um lado, não convém dizer o que foi feito do seu tempo, por outro lado, é útil mencionar o que Verinha não foi capaz de fazer. Para começar, ela não sambou em uma rua lotada de gente vestida de todo tipo de fantasia e com sorrisos fartos.

Ela não foi às festas no Jaraguá, não cantou marchinhas, não ouviu nenhum "ô abre alas" e nem um pouquinho de "Allah-La-Ô". Nada. Não botou um pé na folia sequer e evitou de todo modo passar por perto de onde estivesse acontecendo. Não se encheu de mel, confete ou farinha. Não se animou em ir para as Pecinhas e nem para os Filhinhos da Mamãe. Não considerou ir no Pinto da Madrugada e nem riu dos duplos sentidos que lhe contaram sobre ele.

É de achar graça da Verinha. Não querer sair por aí fantasiada, não colocar uma mascarazinha, não usar uma roupinha colorida, não pintar o rosto de rosa-choque ou de verde limão. Não se arranjar em uma casa de praia, ao menos, num interior desses de aqui perto com uma dúzia de gente para beber caipirinhas.

O que dizer dela que não é fã de nenhuma escola de samba e que não fica

feliz em sair ao meio dia de sol quente, regada à água de mangueira atrás de um bloquinho de carnaval? É de se pensar que ela não pode ser brasileira. Ou que, no muito, não sabe como ser.

Um gringo sabendo de uma coisa dessas seria tão embaraçoso. Pensar que um de nós não se anima no frevo. Era então o caso de pedirmos mil desculpas, de implorarmos, por amor de Deus, que não nos julgasse errado por uma exceção tão tola quanto esta. Que o carnaval é do país todo e ninguém pode sequer duvidar, que seria de muito mal gosto.

Ah, Verinha! Se ao menos ouvisse um samba de Benito di Paula, talvez entendesse esse povo todo que vai encher as ruas com essa alegria tão estranha e, vá lá, acabasse gostando e resolvesse de bom grado se juntar a eles. Seria emocionante vê-la entregue ao fluxo de corpos, euforia e nuvens de confetes!

Mas não, a Vera, a nossa Verazinha não gosta de carnaval. Quando todos veem nele a expressão primorosa da alegria, ela pensa nos bêbados passando do limite. Ela pensa no risco constante de lhe surrupiarem a bolsa, na exposição aos germes, maus odores e axilas molhadas. Se enjoa de pensar nos bandos de gente urinando e vomitando nos muros ao redor, detesta o sol escaldante, os banheiros químicos, ser espremida na multidão.

Os carnavais acabam, ela diz, e deixam a gente com a boca amarga de manhã. Se é bobagem ou expertise não nos cabe saber, mas a nossa amiga pensa que as boas lembranças a gente cria com cuidado e que agora ela quer criar aqueles momentos em que, estando no enlace da meia-idade, seja bem capaz de lembrar deles devagarinho, tendo um pé de saudade, sentindo uma dorzinha boa daquilo que foi bom e acabou.

Fevereiro de 2024

um dia sem felicidades



um dia sem felicidades

Um dia sem felicidades

De dois em dois meses, sem falta, ocorre-me que a vida é curta. E isso é um grande clichê, embora não seja o maior deles. Como sempre odiei os lugares comuns, não encontro conforto em pensar nisso. Mas penso, e não posso evitar. Parece que a vida moderna é inteiramente sustentada por uma série desses clichês cansados, como ter sucesso, amor eterno e selfies no instagram.

Refletia na brevidade da vida imaginando que o final de semana estava a uma distância eterna, que era nele em que haveria espaço para dispersar os desagradáveis sentimentos mortais. Eu desejava algo como acordar depois das dez e ler um romance inteiro até o meio-dia. Caminhar ao final da tarde com tão boa companhia, falar e rir de bobagens. Sair de madrugada à toa, topar com um lugar onde a banda tocasse a melhor canção da Rita Lee e por lá mesmo ficar.

E com tudo isso, era uma terça-feira. Terça! A mais abafada de todas. Era necessário trabalhar e já pensar em acordar logo cedo na manhã seguinte de uma quarta-feira, que muito provavelmente, seria também a mais abafada de todas as quartas-feiras, perdendo somente para o dia anterior. Estávamos todos a receber esses pequenos açoites de calor das 7 da manhã às quatro da tarde.

À noitinha, chamei a minha boa companhia e pegamos um carro. Disse a ele que queria algo para aquele dia que fosse empolgante o suficiente para valer por si só uma vida inteira. Ele, naturalmente, concordou. Acabamos no *El Lugar*, um dos bons lugares sob o comando de nossos irmãos de língua espanhola. Lá, dois casais bebiam cervejas e um senhor olhava fixamente para uma TV. Um homem na área da banda ajustava o violão com um olhar desanimado para cantar uns pares de música ambiente. Ventiladores nas paredes, cansados, moviam baforadas de ar quente de um lado para o outro. Sentados no balcão, fomos para a mesa, e da mesa saímos sem nada pedir.

Oh! Não acontecem aventuras na terça-feira, que é um dia sem felicidades! Os rostos estão entediados e toda a cidade está recolhida, encoberta por calores

de menopausa. Nem toda caipirinha do mundo curaria esse torpor instalado, embora eu tenha tentado muito, em vão. O ideal seria pensar que a vida é curta numa sexta-feira; talvez sábado, quando haveria um lugar tão cativante que nos faria esquecer de tudo.

Mas enfim, saímos e fomos para outro lugar. Já vinha de dentro uma moça carregando uma mesa de plástico, pois eu havia escolhido ficar na área da calçada. Nesse momento, eu queria ter dito para ela levar a mesa de volta, que para mim já estava bom, que já estava para ir embora. Apesar disso, embaraçada por conta de seu esforço, fiquei apenas observando enquanto ela também arrumava as cadeiras, saleirinhos e molho de pimenta, guardanapos e *ketchup*.

– *Bienvenidos, bienvenidos!*

– *Gracias!*

Coincidiu de ser em outro bar de argentinos. Neste havia mais gente, pequenos grupos onde boa parte também era de argentinos. Gostava de ouvi-los conversando, mesmo não entendendo tudo o que diziam. Suponho que falassem também sobre o calor e clichês, como esses que falo agora. Mas isso não importava; tudo o que diziam me soava charmoso.

Eu reparava em dois senhores idosos argentinos, um grupo de amigas e um casal. Os idosos pareciam desgastados (em corpo e em espírito); o grupo de amigas parecia praticar algum esporte, pelas roupas que estavam usando; e o rapaz e a moça ao lado eram um casal, e eu sabia disso por um detalhe vulgar. Preste atenção a isto, eles comiam e bebiam, então, as mãos estavam ocupadas e não mostravam amor, mas embaixo da mesa, as pernas cruzadas uma sobre a outra, trocavam afagos sutis e praticamente involuntários. Certamente estavam apaixonados.

Sei que os apaixonados dormem tarde, muito tarde, e acordam cedo, terrivelmente cedo. Eles entendem que o tempo é curto e querem esticá-lo; talvez por isso estivessem também ali, indiferentes a toda aquela quentura hostil. Eles diziam com seus gestos que a vida é feita, sobretudo, de terças-feiras ingratas de semblantes mornos e que, no grande esquema da vida, elas valem tanto quanto os sábados de festa e os domingos de manhã.

Março de 2024

No meio do mar
Tinha um cisne

Tinha um cisne



Tinha um cisne
No meio do mar

No meio do mar tinha um cisne

A gente diz que Maceió é um ovo, de tão pequena que é. E se acostuma a ouvir, por exemplo, que não há nada para fazer, além de topar com mato nas canelas e ir à praia. Outro dia mesmo, um amigo vinha dizendo que de bom, Maceió, só tem Carlinhos Maia. Ele tinha visto isso nos jornais — uma dessas celebridades de rede social quem disse, e a história foi andando. Esse tipo de coisa, a gente escuta desconfiado, a testa franzida, o semblante pesado. Queremos contrariar, dizer que temos isso e temos aquilo, que as pessoas pagam para tirar férias aqui, etc.

Agora, eu já topei com muito mato, mas não só mato. Já fui a muita praia, mas não só à praia. Aqui tem uma gente que é o próprio evento, que basta fazer uma sombra debaixo do sol para se reunir em estado de festa. Não tem tempo ruim, como se diz. E olhe que o tempo, quase sempre, está nos cozinhando a fogo alto.

No domingo passado, também eu julguei não haver muito o que fazer. Era um daqueles dias tranquilos, nem alegres nem tristes, onde a gente fica sentado numa cadeira de balanço, olhando o movimento da rua. Mas, para minha surpresa, contavam no jornal sobre um cisne branco. Quero dizer, um Navio-Veleiro chamado Cisne Branco, que estava atracado em nosso porto e aberto para visitação.

Que extraordinário! Nunca antes tive a oportunidade de pisar num navio, nem mesmo em um barquinho de pesca. A ideia de visitá-lo me pareceu tão empolgante e acredito que muitos também pensaram o mesmo, já que a fila dava tantas voltas. Foi encantador estar em um navio de verdade, pensando nele vindo de todos os mares, de lugares fantásticos onde eu mesma nunca fui e gostaria de ir.

Nele, tudo era feito de madeira de boa qualidade e todos os marinheiros estavam bem arrumados e eram gentis. Em todo lugar, havia cordas com nós muito grossos e uma banda tocava músicas de Adoniran Barbosa. Um dos

marinheiros, o Bira, me viu fazendo anotações em um caderninho azul e veio em minha direção. Me perguntou se eu era jornalista e eu disse que ainda era estudante. Me contou que vinham do Rio e em breve estariam indo para os EUA e para a Europa.

Era um navio, ele explicou, incumbido de representar a nossa Marinha em eventos náuticos e de realizar ações diplomáticas. Uma forma de difundir a ideia, tanto aqui quanto lá fora, de que o Brasil não se resume a carnavais. Que temos pessoas sérias, fortes e disciplinadas. E falava com orgulho, em um tom de voz grave e com o peito inflado. Enquanto eu, que desconheço a vida no mar, e da Marinha pouco sei, pensava que sorte a dele, ter uma ocupação que lhe permite viajar.

O que mais posso dizer? Não era um Titanic. Em poucas voltas, já havíamos visto tudo. E não nos permitiram ir até a cabine, então só pudemos vislumbrar da beirada das portas os lugares por onde ficavam os oficiais. Lá dentro, havia uma bela mobília em madeira e estava cercado por lindos quadros. O piso parecia recém-encerado e refletia as luzes amarelas das luminárias.

Nunca antes havia conhecido um marinheiro de verdade feito o Bira, como aqueles dos filmes americanos, nem havia estado em um navio-veleiro cheio deles. Tudo isso me aconteceu num domingo tolo e abafado, na cidadezinha de Maceió. Ah, as surpresas que a vida custa nos dar, mas que nos cede assim, de repente.

Março de 2024

A METAMORFOSE dos costumes

METAMORFOSE dos costumes

A METAMORFOSE



METAMORFOSE dos costumes

metamorfose dos costumes

dos COSTUMES

A metamorfose dos costumes

São tantas as tradições tolas que, cegos, perseguimos. São tantas e, queira perdoar, nem sempre são tolas. Mas é certo que, uma atrás da outra, as temos seguido, querendo ou não, pelo hábito em que nos acostumaram nossos pais, que foram antes acostumados pelos pais deles e assim por diante.

Veja que por ali mesmo caminha essa boa gente em procissão ao pé da sagrada cruz. Juntos, vão cantando as mesmas canções penosas que cantaram nos anos anteriores, cujas letras imploram por bênçãos e misericórdias. Vão relembrando, sobretudo, o doloroso sacrifício de um homem bom. É um jeito de nunca se esquecer disso que chamam Semana Santa. Dias em que o costume nos leva a comer peixe e a beber vinho na sexta-feira, e ao sabor do domingo de Páscoa, ir à igreja ao finalzinho da tarde.

E eu, já tendo esquecido do peixe e abrindo mão do vinho, não haveria também de ir à igreja, como há tantos anos não vou. Estive, porém, no teatro — o Deodoro — para ver uma gente nova contar uma história velha. Uma nova perspectiva, na verdade, da eterna Paixão de Cristo.

Eu esperava a peça começar imaginando quem eram aqueles que ainda iam ao teatro. E olhava ao redor do mesmo jeito que se observaria seres exóticos vindos de outras terras, avaliando como se comportavam, o que vestiam e se pareciam conosco... Não era, afinal, a noite mais agradável para sair de casa, já que chovia. Então os que estavam ali talvez quisessem sentir um certo tom de intelectualidade que lhes concede o teatro, ou talvez fossem somente próximos do elenco.

O Deodoro, como se sabe, toma para si uma parte de qualquer espetáculo que possa acomodar. Ele dá às apresentações algo como uma aura de elegância e beleza com aquelas pesadas cortinas vermelhas e tão majestoso lustre. Suas acomodações fazem de nós seus admiradores passivos e, apenas por estar lá, nos sentimos como parte de algo mais ou menos nobre.

Enfim, as cortinas abriram.

Já de início ouve-se gritos de dor. Criaturas como bruxas gritavam profecias, todas as quais conhecemos de uma ponta a outra: Ele nasce, Ele faz milagres, Ele morre e ressuscita três dias depois. No entanto, nessa trama quase shakesperiana de luz, tragédia e resignação, Jesus estava encarnado em um homem negro de barbas e cabelos crespos. O diabo, por sua vez, era figurado por uma mulher.

Todo sangue era feito de largas tiras de pano vermelho, e Salomé era uma moça que, jogada ao chão, gritava em agonia, e a sua dor era tanta que nos encobria por um sentimento empático e clemente. Mas a modernidade nos tem preparado para tudo isso, não parece? São todas coisas do nosso tempo (do meu e do seu). Por isso, não estranhei nenhuma dessas coisas, por isso não achei que fosse vulgar que o beijo de Judas em Jesus, o da traição, fosse dado na boca.

Nós estivemos tão presos aos hábitos, como penso que estaremos toda a vida, mas de quando em quando os modificamos ao nosso modo. Tem sido tão antiquado falar de costumes, que não percebemos que nós os estamos sempre criando. Veja que até mesmo as mais antigas histórias podem ser reinterpretadas sob novas intenções, pois ao que me parece, nada há no mundo que seja para sempre inabalável.

Março de 2024

Sobre a autora



O que se pode dizer sobre mim é isto que se diz de tantos outros, e não se trata, porém, de uma falsa modéstia. Minha vida foi sempre simples e emocionada em tudo o que já aconteceu. Venho de um tempo bom em que se crescia subindo em pés de cajueiro, andando de bicicleta e tomando banho de chuva. Sem computadores, celulares e, por Deus, sem TikTok; apenas a vida. Apenas a minha melhor amiga Elizângela e eu, e os outros, chegando em casa cansados ao final da tarde depois de brincar.

Sou filha de Maria José e também de meus avós Helena e Antônio. Sou a de mais baixa estatura entre dois irmãos mais novos. Sou apreciadora de boa literatura. Meus olhos se parecem com os do meu pai, embora eu não o tenha visto muitas vezes. Morei em São Paulo entre a infância e a adolescência com a minha mãe e meu padrasto, Junior; por isso, não tenho um sotaque puramente nordestino e muito menos paulista, conservo algo como o sotaque adquirido em terras de ninguém. Engravidei aos 16 anos e esse foi o meu grande plot twist. Virei adulta sem nem querer, e mãe sem nem saber. Dei a ela o nome de Gabriella e costumo dizer que ela me cria mais do que eu a crio, pois sua vida me faz querer ser melhor e mais forte. Por ela passei a me interessar pelo pensamento filosófico, por arte, boa música, enfim, por tudo isso que considero ser edificante à alma humana em toda a sua efêmera condição.

Aos vinte e poucos anos, decidi que faria jornalismo por conta de minha visão romântica sobre as redações dos jornais, além de pensar que seria um meio de me aproximar da escrita, e aproximou. Nos anos de faculdade foi onde

me senti mais inventiva e ligada ao jornalismo literário, mais propriamente às crônicas, que considero ser um gênero especial. Ao terceiro ano de curso, no entanto, ingressei nos caminhos do marketing digital, atividade a qual tenho me dedicado e que tem me permitido expressar alguma criatividade do que aprendi sobre comunicação, além de pagar as contas. Que mais se pode dizer? Tenho me concentrado em manter vivas as plantas que ganhei de minha mãe e planejo viajar para conhecer... não sei, tudo o que me for permitido, tudo o que, com alguma sorte, me inspire a escrever muitas outras crônicas.



UFAL